

Estes factos, e a decomposição das civilizações orientais sob a incidência fecundante do «europeísmo», são dos mais importantes para a investigação das forças em jogo na bio-mecânica da história. Os factos assinados por Delhorbe entram exactamente no quadro traçado pelo autor destas notas no «Indivíduo e Colectividade» in Revista de Medicina, Lisboa, e em outros escritos sobre a teoria bio-mecânica da História.

Rabindranath Tagore, POR STÉPHANIE CHANDLER (Les Cahiers du Journal des Poètes, Bruxelles)

O anti-intelectualismo de Tagore... O homem não atingindo a verdade última pela inteligência mas pelo amor que paira acima do social, o amor que é o Templo da Humanidade... A ciência que não compreende o que o poeta encontra na natureza... a água que purifica o coração... A Terra que alegra o espírito, com um contacto não lírico, mas vivo... Tudo nasce da vida imortal, e a Vida é sinónimo de infinito... Deus assim concebido presente no Universo, no fogo, na água, nos séres, e todos os séres presentes em Deus... «O palor doirado que dança na folhagem», e que é o amor do bem amado... A morte que «distila na sombra o desejo da luz», a tempestade que «para terminar em calma se insurge contra ela com todas as suas forças»...

Este charabia, esta logomaquia é considerada por alguns críticos como «alto pensamento», «profundo pensamento religioso», etc. Porém, distingamos. Tudo isto, no campo lógico, é puramente um amontoado de coisas sem sentido. Não é pois pensamento profundo ou superficial, mas apenas pseudo-pensamento. Tudo isto tem apenas sentido emotivo e psicológico, o que é totalmente diferente de pensamento lógico, racional. O erro habitual consiste em dar uma significação lógica, ou transpor para o campo do pensamento lógico, o que apenas tem sentido psicológico. É precisamente o caso da preposição: «o número treze é aziago», a qual não tem sentido lógico algum, mas apenas psicológico.

Se pois se quer continuar empregando expressões tais como pensamento poético, pensamento lírico, poeta-filósofo, e outras análogas, não esqueçamos que tais expressões são apenas figuradas, liberdades de linguagem. A confusão começa quando se confunde, implicita ou explicitamente, a filosofia científica, em qualquer das suas formas, lógica, empírica, com a filosofia psicológica. Adotemos os termos que se quiser, mas que esses termos sejam bem explicitos e designem coisas bem definidas. Desta forma a filosofia-emotiva, a filosofia psicológica, a filosofia-arte, a metafísica retórica, o pathos metafísico, etc., poderá exprimir-se, desenvolver-se, ser analisado, criticado, comentado, apreciado pelos seus amadores, sem que do caso provenha grande mal. Tais amadores podem então deliciar-se com o «profundo», o vertiginoso, o etéreo, o super-real,

o arquitranscendente, o ultra-nebuloso, a quintessência, etc., etc., etc., sem que grande seja o prejuízo. Mas quando tais amadores, público e críticos, nos falam de tais coisas como se fossem filosofia lógica, então a confusão é inextricável e ninguém consegue entender-se no meio da grita e alarido, pois cada um fala uma linguagem diferente do vizinho, e a polémica, a discussão, a crítica não passa de esgrima no vácuo.

Dizem que Tagore é um grande poeta, e eu acredito: o caso não me interessa grandemente. Se me dizem que é um grande prosador, acredito ainda, se ajuntarem: um pensador emotivo, um pensador artista, pois que dizer pensador emotivo e dizer grande artista, é, afinal, a mesma coisa. Mas se pretendem impingilo como grande filósofo, filósofo «tout court», seja-me então permitido sorrir... Como todos os poetas, pequenos e grandes, a sua mentalidade está ao nível da do selvagem, pois são hoje bem conhecidas as semelhanças existentes entre a mentalidade poética e a mentalidade selvagem, primitiva, pré-lógica; como diz D. Seurat, Vitor Hugo foi o maior dos selvagens...

Não tem pois qualquer sentido falar-se do «anti-intelectualismo» de Tagore, como de resto de qualquer outro poeta. Não há anti-intelectualismo como não há intelectualismo; o conhecimento da verdade e da essência, do amor e da vida, de que falam os poetas, como os metafísicos, são puros conhecimentos psicológicos, sem qualquer sentido no campo lógico e filosófico. De outra maneira cairíamos em pleno filosofismo, uma das piores confusões estabelecidas no campo intelectual. É tempo de o público ser informado de que frases tais como «Deus é o Amor» ou «é a Beleza», ou a «Beleza é o Amor», ou a «Vida Infinita é Deus», etc., etc., etc., são proposições sem sentido lógico, e apenas, quando muito, com sentido psicológico. A demonstração disto pela análise lógica da linguagem está hoje feita (Carnap); e, além disso, todas estas proposições, como em geral todas as proposições metafísicas, enfermam do vício capital de trabalhar no Infinito com a lógica do Finito, o que é ilegítimo, e de estenderem ao Infinito a intuição, o que é igualmente absurdo e tem como consequência apenas pseudo-problemas e frases vazias de significação.

Insistamos nisto: tal significação só existe quando consideramos estas frases, conceitos e pensamentos como jogos de imagens estéticas, poéticas e líricas; aí o Poeta tem pleno direito de imaginar à vontade, de conferir o sentido psicológico que quiser a esse jogo de imagens; tudo depende do valor emotivo e formal que ele consegue, isto é, tudo depende do seu valor estético; mas tais frases não se baseiam em outra realidade que aquela que, na linguagem comum, confere um significado a proposições tais como «o número 13 é aziago», isto é, uma associação psicológica entre um número e um agouro. Sob o ponto de vista lógico, como todos sabem, aziago não faz parte do conceito número, e não pode ser extraído dele por via analítica; enquanto, psicologicamente, podemos juntar-lhe tudo aquilo que, para cada qual, possa ter psicologicamente sentido.

ABEL SALAZAR

PANORA

NESTA hora sobre todas grave, em que os povos se espreitam numa ânsia aniquiladora, nesta hora de desvairados idealismos, enquanto as nacionalidades se armam e procuram mascarar os seus intuitos bélicos com enganosas aparências de paz, enquanto todos os sectores sociais entram numa luta decisiva e forte, é impossível traçar-se serenas palavras de crítica ou de análise.

É que todo o artista, ou antes, todo o homem, está empenhado na vitória de qualquer campo, ou de qualquer sector ideológico, e de tal forma, que impossível será abstrair da sua luta a inteligência ou o poder criador.

Tal é o potencial dinâmico, tão forte e impetuosa a sua maneira de agir; que qualquer modo de revelação da arte lhe fica,

É um facto, tristemente incontestável, que o nível cultural do operário português, é, muitíssimo inferior ao dos seus irmãos doutros países. A praga do analfabetismo, atinge de preferência a única e autêntica força viva da nação — o trabalhador.

Impossibilitado de frequentar bibliotecas, por o horário de funcionamento destas coincidir com o do seu labor, ou porque habita a tal distância desses estabelecimentos que seria loucura pretender frequentá-los, o único veículo de cultura extra-escolar, que o operário tem ao seu alcance é o jornal. Quanto ao livro, é luxo que não pode permitir-se. O livro neste país, é aristocrático; desdenha o contacto com as camadas mal-odorosas da gente que labuta. E quando desce até elas, no mísero disfardes de plebeu, é mais, um instrumento de sordida especulação, do que um elevado propósito de beneficiar quem o lê. Se tivermos em conta, a maneira como se faz jornalismo, entre nós, podemos concluir, afoitamente, que da leitura dos jornais, o operário não tira nenhum proveito.

Nalguns países, existe um

MA ARTISTICO DE PORTUGAL

INTRODUÇÃO

por ARTUR AUGUSTO

não tangencial como há alguns anos atrás, não paralelo como nos tempos medievais, mas entrelaçado, mais ainda, confundido ou igualado.

A arte de nossos dias participa do extraordinário poder dinâmico emprestado pelo idealismo social, e tanto mais bela será, quanto mais dinâmica.

A crítica serena, desapassionada, poderemos mesmo dizer fria e cientificamente certa, é impossível de fazer-se, deslumbrados como estamos, e presos pelo extraordinário panorama que nos depara e que de tal forma nos influencia.

Entraram no domínio da arte, novas formas da actividade humana, novos factores até quasi nossos dias desconhecidos, como sejam: o movimento, com novas modalidades de ritmo e de visão, os

ruidos das sirenes, dos klaxons, dos aviões.

A vida intensa e desequilibrada dos povos durante e depois da grande guerra, criando uma literatura riquíssima, onde aqui e além surgem lampejos de génio, o internacionalismo dado pela convivência nas trincheiras e nos acampamentos, a crescente actividade emigratória, são factores exclusivamente de nossos dias, dos quais só nós, geração criada nesse período trágico, nos apercebemos.

As descobertas científicas, revolucionando os velhos dogmas, impuzeram-nos uma outra maneira de ver.

Uma bela manhã o mundo acorda e pela voz de um novo sábio ouve as últimas verdades: a terra já não é redonda, a estrela Sirius está sómente

a três mil milhões de quilómetros e não a quatro mil como outros diziam. Inventou-se o raio da morte. Marconi, na Itália, acende as luzes de uma vaga cidade da Austrália. Em vinte e quatro horas a cidade de Londres pode ser completamente destruída. E assim os povos vivem num constantes sobresalto e dominados pelo pavor.

Os homens vivem numa desconfiança perene, num nervosismo avassalante, numa inquietação perturbadora.

A luta entre velhos e novos não significa, de nenhum modo, o embate de duas verdades de concepção, mas antes que os últimos procuram tomar a sua posição actuante na vida, certos de que um mecanismo novo tem mais potencial e resistência do que outro já velho e estafado.

UM GRAVE PROBLEMA

A ELEVAÇÃO CULTURAL DA GENTE QUE TRABALHA

verdadeiro serviço de assistência cultural aos desafortunados, o que lhes permite um melhoramento progressivo das faculdades intelectivas. Organizam-se tournées artísticas; funcionam bibliotecas móveis, cuja acção divulgadora se estende aos mais longínquos lugares; fazem-se edições populares que rivalizam com as nossas edições de luxo, e, em todas estas obras, o Estado toma o principal papel, custeando-as e promovendo a sua divulgação.

Aqui, salvo a meritória actividade de algumas instituições e a grandiosa e persistente obra realizada por algumas publicações de feição nitidamente cultural, nada se faz para modificar o vergonhoso estado mental dos trabalhadores. E já que me referi a publicações culturais, quero destacar, como é de justiça, o grande esforço realizado por *O Diabo* — a melhor e a mais eclectica publicação do género — tendente a melhorar e a engrandecer, incessantemente, a mentalidade do povo português. O seu *Consultório*, magnífico cadinho de esclarecimentos úteis, dá-nos a medida exacta da ânsia de saber que

sacode o país inteiro. De toda a parte acodem perguntas sobre os mais variados temas do espírito, e a todos, em perfeito pé de igualdade, se procura esclarecer com grande e louvável solicitude.

Como isto não bastasse, quiz ainda *O Diabo* chamar a si o encargo de escancarar os museus, e oferecer ao povo a contemplação de todas as suas preciosidades artísticas, iniciativa a que está reservado o melhor êxito, pois que, o desinteresse do povo pelas coisas de arte é, a lógica consequência de se ver privado da ajuda de pessoas cultas, que o possam iniciar, dignamente, no estudo de tam delicada modalidade dos conhecimentos humanos. Eis uma tarefa que os rapazes de *Sol Nascente* podiam secundar, para bem de todos.

Sendo a inteligência um dom natural, que muitas vezes não chega a revelar-se inteiramente, por carência de cultura apropriada, e não um privilégio adquirido por sômas fabulosas de dinheiro, não é hu-

mano nem justo privar a gente do povo das possibilidades de afirmar a sua capacidade mental. As duras condições em que se trabalha em Portugal, dão-lhes direito, pelo menos, a essa bem merecida compensação. Exigem-lhe em regra, esforços incompatíveis com as suas forças; forçam-no à execução de trabalho para que não está mentalmente, preparado e, em que têm de socorrer-se das faculdades de assimilação, para lograr uma aparente equiparação aos operários estrangeiros.

É necessário e urgente conceder-lhe todas as facilidades para cultivar o intelecto, por forma que possa ser útil ao país e à Comunidade Universal.

É necessário que os homens de ciência que não receiam o convívio dos homens de trabalho, e que encontram prazer em serem úteis ao seu semelhante, se esforcem, cada vez mais, por elevar o povo até eles; é necessário que os homens do povo, principais interessados neste soberbo intento manumissor, realizem o indispensável esforço para subirem até aos homens de saber. Isto contribuirá, grandemente, para a solução deste grave problema.

Luís Laranjeira.